

MÉSZÁROS: EDUCAÇÃO E O PROCESSO DE INTERNALIZAÇÃO**Argus Vasconcelos de Almeida¹****Resumo**

O presente trabalho tem como objetivo entender como se dá na educação, isto é, no mecanismo através do qual as concepções acerca do funcionamento da sociedade são transmitidas aos indivíduos no processo de *internalização* na sociedade capitalista, na crítica formulada por Mészáros, bem como o seu oposto, o processo de *contrainternalização*, na tentativa de superar as visões reformistas na praxis educativa, colocando uma perspectiva de compreensão de que a emancipação humana não pode ser efetivada apenas através de transformações na esfera educacional da sociedade capitalista, devendo passar por uma revolução social que transforme radicalmente a forma de sociabilidade.

Palavras chave: Educação. Internalização. Contrainternalização.

MÉSZÁROS: EDUCATION, AND THE INTERNALIZATION PROCESS**Abstract**

The present work aims to understand how education occurs, that is, the mechanism through which the conceptions about the functioning of society are transmitted to individuals in the process of *internalization* in capitalist society, in the criticism formulated by Mészáros, as well as its on the contrary, the process of *counter-internalization*, in an attempt to overcome reformist views in educational praxis, putting a perspective of understanding that human emancipation cannot be effected only through transformations in the educational sphere of capitalist society, but must undergo a social revolution that radically transform the form of sociability.

Keywords: Education. Internalization. Counter-internalization.

MÉSZÁROS: LA EDUCACIÓN Y EL PROCESO DE INTERNALIZACIÓN**Resumen**

El presente trabajo tiene como objetivo comprender cómo se produce la educación, es decir, el mecanismo a través del cual las concepciones sobre el funcionamiento de la sociedad se transmiten a los individuos en el proceso de *internalización* en la sociedad

¹ Professor Titular aposentado do Departamento de Biologia da Universidade Federal Rural de Pernambuco (UFRPE). E-mail: argusalmeida@gmail.com

capitalista, en la crítica formulada por Mészáros, así como su opuesto, el proceso de *contra-internalización*, en un intento de superar los puntos de vista reformistas en la praxis educativa, pone una perspectiva de comprensión de que la emancipación humana no puede realizarse solo a través de transformaciones en la esfera educativa de la sociedad capitalista, sino que debe experimentar una revolución social que transforme radicalmente la forma de sociabilidad.

Palabras clave: Educación. Internalización. Contra-internalización.

Introdução

István Mészáros é o herdeiro da rica produção intelectual de Lukács, fundamentalmente da fase de renovação do marxismo dos escritos inacabados sobre a *Ontologia do ser social* e a *Estética*. Mészáros é, hoje, um dos pensadores mais marcantes do marxismo. Tem sido um dos mais árdios defensores da teoria marxiana contra qualquer distorção ou má-interpretação.

Mészáros (2005) afirma que a escola não é a força ideológica primeira do processo de consolidação do sistema capitalista, do mesmo modo que também é incapaz de sozinha fornecer qualquer alternativa emancipadora. Contudo, a escola hoje tem um importante papel no processo de *internalização*, e por isso mesmo é inútil esperar dentro do sistema do capital qualquer iniciativa de viabilizar ações educativas que rompam com a lógica do capital em benefício da sobrevivência humana. Daí, a necessidade de mudanças essenciais e não mais formais, e que abarquem a totalidade de práticas educativas da nossa sociedade, não se restringindo a esfera da educação formal.

A *internalização*, entendida como o esforço do capital em fazer com que cada indivíduo incorpore como suas as metas de reprodução do sistema, legitimando sua posição na hierarquia social e conformando suas expectativas e sua conduta ao estipulado pela ordem estabelecida, insere-se como instrumento que conforma a totalidade das práticas sociais, entre elas, a educação, ao interesse do capital.

Mészáros (2005) trata a educação em dois sentidos, formal e não formal. Educação, na verdade, na visão do filósofo húngaro, diz respeito a todas aquelas atividades que envolvem a *internalização*, por parte dos indivíduos sociais, das relações, imperativos e valores presentes na dinâmica sócio-histórica determinada em

que estão imersos. Essa internalização se dá, concomitantemente, dentro e fora da escola. O filósofo explica, que, para o capitalismo, a educação tem duas funções principais: a primeira é a produção das qualificações necessárias ao funcionamento da economia como um todo; a segunda, diz respeito à exigência de formação dos quadros políticos da sociedade em questão, com seus correspondentes métodos de controle político, tal como expresso no movimento reacionário “Escola sem partido”, que tem como objetivo principal o controle ideológico da praxis docente, visando atingir e denunciar os(as) “doutrinadores” marxistas e a “ideologia de gênero” em sala de aula.

Portanto, o problema da educação é o problema da *internalização*, que diz respeito à apropriação ativa do mundo humano e à reprodução desse mundo no plano da subjetividade, com seus consequentes imperativos, pressões, valores e interesses constituídos de acordo com uma lógica que está atrelada ao controle do metabolismo social. Esse metabolismo é subordinado, em nossos dias, aos imperativos do sistema do capital. Romper com tal sistema não depende só de mudanças no plano da educação formal. Exige, isto sim, que se modifique totalmente a forma como os sujeitos sociais agem, se relacionam, se apropriam e internalizam as suas próprias elaborações objetivas no processo de produção e reprodução das suas vidas. A educação buscada pelos socialistas precisa ter, necessariamente, esse objetivo (MÉSZÁROS, 2005).

Por outro lado, o enfoque teórico dado por Mészáros ao tema da *internalização* permite-nos acreditar numa possível complementariedade entre suas reflexões acerca da educação e as do psicólogo soviético L. S. Vigotski. Segundo o qual, as relações intrapsicológicas que constituem as funções psicológicas complexas – ou superiores, isto é, aquelas que os seres humanos controlam conscientemente - são internalizações das relações reais, estabelecidas entre pessoas em sociedade. É por essa razão que toda função psicológica complexa aparece em cena, no indivíduo, duas vezes, em dois planos – primeiro, social; depois, psicológico: — “primeiro entre as pessoas como categoria interpsicológica, depois – dentro da criança” (VIGOTSKI, 2000, p.26). A passagem “de fora para dentro, isto é, a internalização” – ou interiorização -, da relação social, por ser um movimento ativo, transforma o processo, sintetiza-o.

É objetivo do presente trabalho entender como se dá na educação o processo de internalização no sistema capitalista, formulado por Mészáros, bem como o processo de contrainternalização na praxis educativa numa perspectiva não reformista e revolucionária.

Praxis educativa e ideologia

Tal abordagem deve partir da determinação ontológica do ser social e dos fenômenos ideológicos da vida, em particular da *praxis* educativa. Trata-se então de estabelecer o alcance e os limites da educação enquanto prévia-ideação da construção genuína da liberdade do ser humano, tanto do indivíduo quanto do gênero. Sempre compreendendo que a emancipação humana não pode ser efetivada apenas através de transformações na esfera educacional da sociedade, devendo passar por uma revolução social que transforme radicalmente a forma de sociabilidade (PINHO, 2009).

Nas sociedades de classes, as formas ideológicas da vida social se tornam instrumentos ideais da luta de classes, já que esta passa a ser a principal forma de conflito nestas sociedades. Estes conflitos são dirimidos quando uma classe convence a si mesma e as outras de que é representante do interesse universal da sociedade.

Essa concepção de ideologia corresponde à concepção de Lukács, que retoma o pensamento autêntico de Marx, quando este define as formas ideológicas da vida social como formas de consciência através das quais os homens tomam consciência dos conflitos sociais e operacionalizam a sua resolução. As ideologias são produtos espirituais, representações da realidade, que podem ser falsos ou verdadeiros, revolucionários ou reacionários, que se caracterizam por assumirem a função social de conscientização e de operacionalização da vida social.

Mészáros (2004), numa análise original da ciência e da tecnologia, mostra que esta, ao contrário do que prega o mito, está longe de ser neutra, mas “pode assumir funções muito diferentes nas confrontações intelectuais e ideológicas, segundo os contextos sociais em mutação”. Segundo o autor, Marx já considerava a ciência como um aspecto do complexo geral de desenvolvimento e, por conseguinte, “inevitavelmente sujeita às mesmas contradições que caracterizam as práticas produtivas capitalistas em sua totalidade. Não se atribuía posição privilegiada a uma “ciência” idealizada (em oposição à “ideologia” ou a qualquer outra coisa)”. A ilusão da autodeterminação “não-ideológica” e da correspondente “neutralidade da ciência”, continua ele, “não é um “erro” ou uma “confusão” (...). “Antes, é uma ilusão necessária, com suas raízes firmemente plantadas no solo social da produção de mercadorias e se reproduzindo constantemente sobre essa base” (MÉSZÁROS, 2004, p. 128).

Para o autor, a caracterização da ideologia do Cientificismo neopositivista dominante surgida no contexto anti-ideológico: ahistórico, neutralidade e objetividade, com vistas ao “progresso científico”, para destruir a dimensão histórica e crítica. Ideal para atender as “necessidades naturais” da chamada “sociedade industrial moderna” (MÉSZÁROS, 2012).

Ciência subserviente às exigências tecnológicas reificadas do modo de produção capitalista (subordinação estrutural dos valores de uso aos valores de troca): problemas reificados produzindo resultados reificados. Entendendo-se a reificação como uma alienação do modo de produção capitalista; coisificação das relações sociais; fetichismo da mercadoria (Marx); transformação dos valores de uso em mercadorias (valores de troca) (MÉSZÁROS, 2012).

Assim, o capitalismo enquanto modo de reprodução social, é caracterizado pela contradição inconciliável entre a produção para o uso (correspondente à necessidade) e a produção para a troca, que em certo estágio do desenvolvimento, se torna um fim em si mesma, subordinando todas as considerações do uso humano a sua lógica completamente perversa de auto-reprodução alienante (MÉSZÁROS, 2012).

Consequentemente, também a *praxis* educativa é uma forma de ideologia e, enquanto tal, tem como modelo o trabalho, isto é, o pôr teleológico. Através da educação se transmitem os conhecimentos e os valores necessários para a reprodução social. Sendo assim, é um complexo insuprimível da reprodução social, assim como a ideologia e o trabalho. Em uma palavra: a educação é uma categoria eterna da vida humana (PINHO, 2009).

A educação cumpre um papel essencial na mediação entre o indivíduo humano e o gênero humano, na transmissão da cultura humana. As competências teóricas e práticas acumuladas pelo gênero humano, necessárias ao processo de trabalho, são transmitidas aos indivíduos através da educação. Esta, ao mesmo tempo, é o mecanismo através do qual as concepções acerca do funcionamento da sociedade são transmitidas aos indivíduos (PINHO, 2009).

É através da educação que são transmitidos aos homens os conhecimentos e saberes necessários à reprodução do processo de trabalho. Este não poderia manter sua continuidade sem a presença do complexo social da educação. No capitalismo, os conhecimentos e saberes transmitidos através da educação para garantir o processo de trabalho são saberes especializados e unilateralizados, visto que esta sociedade baseia-

se na divisão do trabalho. Com estes saberes unilateralizados, o indivíduo humano que trabalha acaba não tendo finalidades gerais para a sociedade humana, mas apenas conhecimentos parciais que servem às necessidades da valorização do capital. Isto significa que as finalidades dos indivíduos são impostas de fora, pelas necessidades da valorização do capital.

Mészáros não se refere à escolas, aos níveis de ensino ou sistemas escolares, mas à educação como o processo vital de existência do homem, isto é, aquilo que caracteriza a sua especificidade de ser social, a saber, a capacidade de conhecer, de ter ciência do real e de, portanto, transformá-lo de forma consciente.

Assim, ele afirma que o potencial emancipador da escola deve abarcar a totalidade das práticas político-educacional-culturais em uma proposta de educação para a vida, com práticas educacionais concretas mais abrangentes que rompam com o sistema de *internalização*, a que o autor chama de *contrainternalização*, superando as formulações educacionais utópicas e reformistas. Para Mészáros, uma alternativa educacional significativamente diferente só será possível se rompermos com a lógica vigente do capital, tomando-o como núcleo estruturante da análise (ANTUNES, 2012).

Mészáros advoga que não basta simplesmente reformar o sistema escolar formal estabelecido, porque isso traduziria apenas uma mudança institucional isolada. “O que precisa ser confrontado é todo o sistema de internalização, com todas as suas dimensões, visíveis e ocultas” (MÉSZAROS, 2005).

Pois, no sistema do capital, não há espaço para a emancipação da humanidade, nem mesmo em níveis mínimos, como provara a história do século XX, no qual as forças objetivas do capital se mostraram aptas a reverter todas aquelas formas de controle social (mais ou menos significativas, dependendo do contexto em que foram criadas) sobre o processo de acumulação, tal como o Estado do bem-estar social e as economias planificadas dos ditos “países socialistas” do leste europeu e da ex-União Soviética (MINTO, 2005).

Diante da conclusão que chega Mészáros, da total impossibilidade de controle do capital, seu estudo avança na formulação de uma ofensiva socialista, fundado em Marx, de superação radical do modo de metabolismo social dominado pelo capital, como único meio de se acabar com a exploração do trabalho, e por consequência para se ir “para além do capital”, e se constituir uma “nova forma histórica” que deve contemplar a reintegração da produção e do controle de todas as atividades da vida, a

ser exercido pelos verdadeiros sujeitos da produção por meio da auto-administração dos produtores livremente associados, ou seja, do trabalho associado (PANIAGO, 2001).

É através da educação são também inculcados nos indivíduos humanos os valores dominantes numa sociedade, em particular as ideias que compõem a ideologia da classe dominante. É por meio da educação que os indivíduos humanos internalizam os valores da classe dominante. No capitalismo, é através da educação que se forma os indivíduos subordinados passivamente ao mercado e que têm como esfera de atuação na vida pública a participação no Estado político, apresentado como representante dos interesses universais da sociedade.

A educação estabelece um elo de ligação entre indivíduo e gênero humano formando indivíduos subordinados às necessidades da manutenção da sociedade do capital e da política. O importante aqui é que, através da educação, pode-se também inculcar nos indivíduos conhecimentos e valores revolucionários, isto é, que contribuam para a superação da sociedade de classes e do seu Estado político. Neste caso, a educação pode ter como finalidade a emancipação humana universal. A educação, segundo Mészáros, poderia funcionar como um mecanismo de contra-internalização dos valores da classe dominante e se converter, dessa maneira, em educação para além do capital, que só pode se tornar completa numa sociedade para além do capital (PINHO, 2009).

A educação, embora por si só não tenha a capacidade de emancipar o mundo, é uma forma de práxis social e, portanto, de práxis ideológica através da qual se pode apreender e difundir a teoria da revolução comunista. De acordo com a nossa perspectiva, a educação deveria ser orientada nesta direção, ou seja, de resgate da teoria revolucionária através da qual a humanidade possa alcançar o comunismo. A educação pode e deve contribuir para o “resgate do marxismo autêntico” e para a redescoberta de Marx no século XXI.

Trata-se, portanto, de uma concepção de educação inextricavelmente ligada à necessidade de superar a alienação objetiva sem a qual o controle sócio-metabólico do capital não pode se exercer. Esta superação não pressupõe apenas a derrubada do capitalismo, a sua negação. Isso é apenas um passo necessário para a superação efetiva do capital e de todas as formas de ser compatíveis com o seu domínio social. Para que atinjam efeitos realmente duradouros, esses passos iniciais (imediatos) precisam estar

orientados pelos princípios gerais, por uma “visão geral”, concreta e abrangente, de “gerir as funções globais de decisão da sociedade”, impedindo assim que a negação da ordem atual das coisas se mantenha condicionada por aquilo que nega (MINTO, 2005).

Neste rumo, Mészáros se coloca, a exemplo de Gramsci, contra a visão tendenciosamente elitista e estreita de educação que pleiteia o domínio da instituição educacional formal como único espaço de educação e define a educação e a atividade intelectual como possibilidade apenas dos que são designados para “educar” e para governar, em detrimento da maioria, à qual é reservado o papel de objeto de manipulação. Mészáros assevera a posição de Gramsci como o caminho mais claro para a concepção ampla de educação, na qual todo ser humano contribui para a formação de uma concepção de mundo ao mesmo tempo em que pode contribuir para manter ou mudar esta concepção. A educação, reconhecida, no seu entendimento amplo, é um processo contínuo de aprendizagem. “Temos de reivindicar uma educação plena para toda a vida, para que seja possível colocar em perspectiva a sua parte formal, a fim de instituir, também aí, uma reforma radical” (MÉSZAROS, 2005, p. 55).

Diz Mészáros numa entrevista sobre a defesa da educação pública:

De fato, parece desnecessário dizer que a defesa da educação pública não poderia ser mais importante. Pois ela é o espaço onde a pressão para tornar universalmente dominante o *ethos* de não se questionar a subserviência às necessidades da “iniciativa privada” pode encontrar resistência. Nada seria mais adequado às exigências do total conformismo ao horizonte geral do sistema capitalista do que a internalização consensual feita pelos indivíduos que podem não ter nenhuma alternativa à sociedade de *commodity*. Isto é, uma internalização que acaba levando à aceitação do *ethos* alienante por eles desde bem cedo na vida, de acordo com o qual tudo deve ser pago mediante meios privados (se você puder sustentá-los e se você não puder: dane-se); e tudo deve ser convertido em produtos vendáveis, incluindo seu próprio desenvolvimento cultural e humano (MÉSZAROS, 2009, p.536),

A educação tem por tarefa, então, contribuir para que a superação do capital seja feita de forma total e não mais parcial, ou particular, como nas estratégias reformistas. É contra as determinações sistêmicas do capital que ela deve combater e seu papel é “soberano”.

Por essa razão,

O papel da educação é soberano, tanto para a elaboração de estratégias apropriadas e adequadas para mudar as condições objetivas de reprodução, como para a *automudança* consciente dos indivíduos chamados a concretizar a criação de uma ordem social metabólica radicalmente diferente (MÉSZAROS, 2005, p. 65).

Aspectos conclusivos

A reversão da forma de *internalização* que realiza os imperativos de extração de trabalho excedente sob o desígnio do capital é chamada por Mészáros de *contra-internalização*, uma atividade que necessariamente nega o conjunto de mediações que compõe o capital e cria um outro modo de relacionamento social-humano “concretamente sustentável ao que já existe” (MÉSZÁROS, 2005, p.212).

Mészáros (2005) relativiza o papel que a educação tem no processo de mudança social. Procura demonstrar que a educação, por si só, não é capaz de transformar a sociedade rumo à emancipação social.

Segundo Mészáros (2005), a educação revolucionária dos trabalhadores precisa, então, abarcar a totalidade das práticas político-educacionais-culturais, organizando-as no sentido de que possam auxiliar na superação do sistema sociometabólico existente. O movimento prático que combina a negação de uma ordem fetichista e alienadora e com a conseqüente afirmação de uma outra, qualitativamente diferente, sustentável e emancipada, exige essa *contra-internalização* (ou *contraconsciência*), sem a qual a tarefa da construção do socialismo não é possível.

Não se trata de abrir mão das lutas pelo acesso universal a uma educação de alta qualidade. Mas, é preciso ter claro que este objetivo não é alcançável no interior do capitalismo e, nesta situação de crise estrutural, cada vez menos. Nele, embora uma certa universalização quantitativa ainda seja possível, o rebaixamento da qualidade é um fato cada dia mais gritante. A efetiva resolução dessa questão – a possibilidade do acesso universal a uma educação de alta qualidade – só existe numa sociedade comunista (TONET, 2010).

Como escreve Tonet (2010), pensamos que, na educação, o foco deveria estar situado na realização de atividades educativas que contribuam para a formação de uma consciência revolucionária. Trata-se de nortear tanto a teoria como as práticas pedagógicas no sentido da emancipação humana e não no sentido do aperfeiçoamento da democracia e da cidadania.

Pois, uma formação integral do ser humano é uma impossibilidade absoluta nessa forma de sociabilidade regida pelo capital. Uma formação realmente integral

supõe a humanidade constituída sob a forma de uma autêntica comunidade humana, e esta pressupõe, necessariamente, a supressão do capital (TONET, 2006).

Se definimos a formação humana integral como o acesso, por parte do indivíduo, aos bens, materiais e espirituais, necessários à sua autoconstrução como membro pleno do gênero humano, então formação integral implica emancipação humana (TONET, 2006).

Porém, uma tal forma de sociedade requer, necessariamente, um tipo de trabalho que tenha eliminado a exploração e a dominação do homem pelo homem. Somente uma sociabilidade baseada nessa forma de trabalho poderá garantir aquele acesso. Essa forma de trabalho foi denominada por Marx de “trabalho associado” ou “associação livre dos produtores livres”. Uma forma de trabalho que se caracteriza pelo domínio livre, consciente e coletivo dos produtores sobre o processo de produção e distribuição da riqueza (TONET, 2006).

Na medida em que todos trabalhem, segundo as suas possibilidades, e possam apropriar-se daquilo de que necessitam, segundo as suas necessidades, estará posta a matriz para a justa articulação entre espírito e matéria, subjetividade e objetividade. O trabalho, voltado para o atendimento das necessidades humanas e não para a reprodução do capital, se transformará, nos limites que lhe são próprios, numa real explicitação das potencialidades humanas (TONET, 2006).

Referências

ANTUNES, Caio Sgarbi. **A educação em Mészáros: trabalho, alienação e emancipação**. Campinas, SP: Autores Associados, 2012.

MÉSZÁROS, István. **O poder da ideologia**, São Paulo: Boitempo, 2004.

MÉSZÁROS, István. **A Educação para além do capital**. São Paulo: Boitempo, 2005.

MÉSZÁROS, István. Reflexões e perspectivas das relações entre capital e educação. **Perspectiva**, Florianópolis, v. 27, n. 2, 533-540, 2009.

MÉSZÁROS, István. Parte II Ciência, ideologia e metodologia. In: MÉSZÁROS, I. **O poder da ideologia**. São Paulo: Boitempo, 2012, pp.243-261.

MINTO, Lalo Watanabe. Resenha do livro: MÉSZÁROS, István. A educação para além do capital. São Paulo: Boitempo, 2005. **Revista HISTEDBR On-line**, Campinas, n.20, pp. 164 - 166, 2005.

PANIAGO, Maria Cristina Soares. **A incontroleabilidade ontológica do capital: um estudo sobre *Beyond Capital*, de I. Mészáros**. Tese de doutoramento do Programa de Pós-Graduação da Escola de Serviço Social da UFRJ, Rio de Janeiro, 2001.

PINHO, Maria Tereza Buonomo de. Ideologia, educação e emancipação humana em Marx, Lukács e Mészáros. **Anais da XII Conferência Anual da Associação Internacional para o Realismo Crítico**. 23 a 25/07/2009. UFF. Rio de Janeiro.

VIGOTSKI, Lev S. Psicologia concreta do homem. **Educação & Sociedade**, ano XXI, n.71, pp. 21-44, 2000.

TONET, Ivo. Educação e formação humana. **Ideação: Revista do Centro de Educação e Letras da UNIOESTE - Campus de Foz do Iguaçu**, v.8 n.9 pp. 9-21. 2006.

TONET, Ivo. Educação e revolução. **Germinal: Marxismo e Educação em Debate**, Londrina, PR, v. 2, n. 2, pp. 43-53; 2010.